

NOVEMBRO 2024

e.pharma

NEWSLETTER APIFARMA

à conversa com...

Paulo Rios de Oliveira

ADMINISTRADOR DA AGÊNCIA PARA O
INVESTIMENTO E COMÉRCIO EXTERNO DE
PORTUGAL, AICEP

85
ANOS


apifarma
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA
INDÚSTRIA FARMACÉUTICA

35

Índice

EDITORIAL	03
À CONVERSA COM	04
DESTAQUE	10
NOTÍCIAS	13
PROGRAMA abem:	18
LEGISLAÇÃO	19
PHARMA EM NÚMEROS	20



Mais saúde para as pessoas

No passado dia 20 de Novembro, celebrámos os 85 anos da APIFARMA no Convento do Beato. Foi um momento carregado de simbolismo, em que manifestámos publicamente o reconhecimento da associação que representa a Indústria Farmacêutica pelo contributo de todos os presentes para este percurso já longo, mas sempre profícuo, focado nas pessoas e na promoção da sua saúde.

A homenagem prestada à investigadora e directora-executiva do iBET, Paula Alves, ao presidente do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, Fernando Almeida, e à ex-directora-geral da Saúde, Graça Freitas, reflectiu de forma concreta esse reconhecimento e a nossa gratidão. Enalteceu, ainda, o esforço, a liderança exemplar e o compromisso destas destacadas personalidades com a Saúde em Portugal.

Outro momento de grande significado durante o jantar foi a entrega das Bolsas Universitárias de Mérito APIFARMA aos estudantes beneficiários deste ano lectivo, demonstrando o cada vez maior envolvimento da Associação com a responsabilidade social. Idealizado há muitos anos, é com enorme orgulho que, na sua segunda edição, a APIFARMA já tenha apoiado 20 jovens talentosos e empenhados a prosseguir os seus estudos, reforçando o seu compromisso com o futuro.

Desde a sua fundação, em 1939, até aos dias de hoje, a APIFARMA tem demonstrado uma visão estratégica que lhe permitiu evoluir ao longo das décadas, adaptando-se a transformações e desafios constantes. Entre outros exemplos, recorro à integração na Comunidade Económica Europeia (CEE) e a complexa adaptação aos mecanismos e regras do mercado interno europeu.

Cumprindo a sua nobre missão de assegurar o acesso a medicamentos, fomentar a inovação e promover o desenvolvimento de terapias que melhoram a saúde e a qualidade de vida das pessoas, não posso deixar de referir o importante contributo da Indústria Farmacêutica para a valorização da investigação e capacidade científica. Exemplos dessa aposta são iniciativas como a plataforma conjunta Portugal Clinical Trials, que resulta do compromisso da APIFARMA e da Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica (AICIB) para a concretização do desígnio estratégico de valorização da investigação clínica em Portugal e de possibilitar o acesso precoce a terapias inovadoras.

Ao longo dos anos, a APIFARMA somou à sua actividade uma progressiva atenção à vertente económico-social. São disso bons exemplos a criação de um pioneiro Código Deontológico e a constituição da VALORMED, uma iniciativa inovadora a nível nacional e entre os primeiros exemplos europeus de valorização de medicamentos e embalagens em fim de vida. Ainda nesta área destaco a importância da criação do PharmaPortugal, bem como o excelente trabalho realizado nas últimas duas décadas para promover o reforço da indústria farmacêutica de base produtiva nacional contribuindo para a criação de riqueza e de postos de trabalho.

Da matriz fundacional da APIFARMA sempre constou a disponibilidade para trabalhar em consensos para alcançar ganhos de saúde para as populações. Os vários protocolos celebrados com os diversos Governos visando a sustentabilidade financeira do SNS e uma ambicionável estabilidade legislativa para o sector são exemplos, por excelência, desse mesmo entendimento.

Ao longo deste ano de 2024, a celebração dos 85 anos da APIFARMA afirmou também o seu compromisso para o futuro, focado no seu objectivo primordial de contribuir, sempre, com mais e melhor saúde para os portugueses. Assim seguiremos.



João de Lara Everard

Presidente da Mesa da Assembleia Geral da APIFARMA



“A Indústria Farmacêutica tem uma performance que a distingue”

à conversa com...

Paulo Rios de Oliveira

Paulo Rios de Oliveira, administrador da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, AICEP, considera que “o sector da Indústria Farmacêutica tem tido uma performance que o distingue de quase todos os demais”. Afirmando o empenho da AICEP em apoiar esta área, defende que a Indústria Farmacêutica “sabe o que tem de fazer, tem capacidade económica para o concretizar e sabe como vai crescer”, estando apoiada em talento e em inovação, o que constitui a “chave do [seu] sucesso”.

ENTRE 2013 E 2023, AS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA CRESCERAM 285%. EM TERMOS DE PRODUÇÃO, O SECTOR REPRESENTOU 1,3% DO PIB EM 2023. PODEMOS DIZER QUE ESTA ÁREA É UM VERDADEIRO CASO DE SUCESSO OU ATÉ MESMO UM UNICÓRNIO NA ECONOMIA PORTUGUESA?

O sector da Indústria Farmacêutica tem tido uma *performance* que o distingue de quase todos os demais. Se os números, por si mesmo, já nos dão a indicação desse êxito, vale a pena explorá-los um pouco tentar perceber o porquê. Tive a oportunidade de estar com a APIFARMA em Milão, na maior feira mundial da área da Indústria Farmacêutica, e nas conversas que lá tive, nos stands que visitei e nos empresários com quem contactei, percebe-se um bocadinho

melhor porque esta indústria está a ter êxito. Porque tem muito clara na sua cabeça a sua estratégia, o que foi uma surpresa boa para mim. Sabe o que tem de fazer, tem capacidade económica para concretizar o que tem de fazer e sabe como vai crescer. Ora, esta clarividência, apoiada em talento e ainda por cima apoiada em inovação, diria que é a chave do sucesso.

Confessadamente perguntei e o mercado da Indústria Farmacêutica em Portugal não está à venda. Tem compradores, tem interessados, mas não tem gente disponível para vender. Porque será? Porque tem êxito e está a crescer.

O QUE MAIS TEM CONTRIBUÍDO PARA ESTE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA EM PORTUGAL?

A Indústria Farmacêutica em Portugal tem exactamente as características de que todos, neste momento, estamos a “correr atrás”, permita-me a expressão. Esta é uma indústria muito marcada pela inovação, palavra de que hoje se fala muito, e ouvir-se á falar muito mais no futuro, mas que esta indústria já pratica há muitos anos. É marcada pela busca e retenção do talento, que é um tema de que também se tem ouvido falar muito, e se ouvirá falar mais no futuro, bem como uma capacidade grande de adaptação ao mercado. E pode mesmo crescer porque as nossas empresas e as nossas indústrias têm demonstrado não só resiliência, mas também ambição, o que não é tão comum. Portanto, estou convencido que os factores críticos deste sucesso é estarem a apostar naquilo que deve ser a aposta da economia nacional: inovação, talento, foco, clareza, estratégia e também é importante ter, apesar de tudo, instituições públicas que ajudem, porque nós estamos a falar de um sector altamente regulamentado.

EM ESPANHA, POR EXEMPLO, A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA É UM DOS PILARES DO PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA (PPR). AINDA HÁ TEMPO PARA FAZER DE PORTUGAL UM HUB DE INOVAÇÃO FARMACÊUTICA, APROVEITANDO PROGRAMAS COMO ESTE?

Temos de ter ambição, mas pedem-nos também que tenhamos um pouco os pés no chão. Há pouco tempo perguntava sobre um caso de êxito em Portugal de uma Indústria Farmacêutica que factura centenas de milhões de euros. E alguém me dizia “sim, é um êxito, mas no contexto europeu é o que é e tem a dimensão que tem”. Portugal, nós, somos enormes, a nossa ambição deve ser grande, mas temos de ter consciência do nosso tamanho

e da capacidade que temos de crescimento e de enfrentar colossos europeus - e não só nesta área. Assim sendo, temos o direito e o dever de ser ambiciosos, mas temos de ter a consciência de que o nosso mercado não é o mercado espanhol. As nossas empresas não têm o músculo, a escala e a dimensão de algumas empresas europeias e também espanholas e, portanto, podemos ser, estamos a ser, um caso de êxito à nossa medida. Agora que outras áreas têm muito para beber nesta indústria, isso tenho a certeza absoluta, porque os temas de que me falam, o que estão a fazer, são os temas que eu considero que outros deveriam estar a tratar. Por isso alguma coisa aqui é diferente.

SOBRE O PRR, AINDA HÁ TEMPO PARA CANALIZAR ESTA AJUDA PÚBLICA PARA A INOVAÇÃO FARMACÊUTICA?

Creio que sim, até porque esse diálogo já existe. Cheguei à AICEP há relativamente pouco tempo, a minha curva de aprendizagem teve de ser muito rápida, mas esse diálogo já existia e continua a existir. Não houve nenhuma mudança desse ponto de vista, das intenções do próprio Governo em aprofundar a sua relação com esta indústria, e, portanto, oxalá o PRR seja uma ferramenta. Há pouco tempo dizia, mais em jeito de provocação, que esta indústria está preparada para enfrentar os desafios do futuro e especialmente numa Europa que fala em inovação e industrialização. Se é esse o tema da Europa, é esse o tema da nossa indústria, e o que pede às instituições públicas - dizia eu meio a sério, meio a brincar - é ajudem, ou pelo

“Os factores críticos deste sucesso são a aposta em inovação, talento, foco, clareza, estratégia”



menos não atrapalhem. Nós somos mais ambiciosos do que não atrapalhar, estou convicto que podemos mesmo ajudar. E o PRR pode ser uma arma, embora o relógio esteja a contar os minutos porque tem prazos de cumprimento muito apertados.

A PANDEMIA EXPÔS AS CONSEQUÊNCIAS DO DESINVESTIMENTO INDUSTRIAL NA EUROPA E TAMBÉM DO PREÇO DA DEPENDÊNCIA DE MERCADOS TERCEIROS. QUASE CINCO ANOS DEPOIS DOS PRIMEIROS CASOS DE COVID-19 QUE LIÇÕES É QUE FORAM APREENDIDAS E O QUE MUDOU A NÍVEL EUROPEU?

Com todos os defeitos e o drama que foi esta pandemia, algumas coisas demonstrou. Primeiro, veio revelar a enorme capacidade de trabalho em rede e em grupo. A resposta europeia foi mesmo uma resposta generalizada, não tratou cada país de si, mas também expôs as fragilidades que a Europa enfrenta. Por um lado, relativamente à origem da própria pandemia, relativamente à China, mas também a reboque dessa reflexão, expôs um conjunto de áreas em que a Europa está “sujeita” a outras epidemias ou pandemias, porque de repente dá por si a descobrir que em várias áreas estratégicas estamos claramente atrás – e também nesta área estamos atrás, também nesta área não estamos a ter a produção, a inovação e a criação de novas soluções e novos medicamentos ao ritmo que outros países estão a ter, nomeadamente os Estados

Unidos. Portanto, se a pandemia para outra coisa não serviu, revelou dois dados muito evidentes. Primeiro a resposta global, europeia, mostrou-se muito mais adequada e eficaz do que a resposta mais egoísta ou parcial. E, segundo, a Europa não está preparada para os desafios que enfrenta. E o relatório de Mário Draghi sobre a competitividade europeia é para ser lido com atenção porque estamos a ser ultrapassados por outras grandes potências.

COMEÇAMOS ESTA NOSSA CONVERSA A FALAR PRECISAMENTE DO POTENCIAL DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA. TEMOS CAPACIDADE PARA FAZER MAIS E MELHOR EM PORTUGAL?

Temos claramente. E quem o diz não sou eu, porque estas coisas não se decretam, nem se declaram, praticam-se. Para saber se temos capacidade para para crescer, nada como falar com o sector, nada como falar com a associação principal do sector, a APIFARMA. Tenho de confessar que essas conversas para mim foram um suplemento de alma, porque falar com estes empresários foi falar dos temas de que andamos a falar por todo o lado. Querer crescer, querer ganhar escala, querer obter mais talento, apostar na inovação. Os empresários da Indústria Farmacêutica dizem que querem crescer, mas não só: estão a crescer, estão a investir – e não estão a investir meia dúzia de milhões, estão a investir muito, porque apostam nesta sua capacidade. Temos de crescer! Portugal é cada vez

mais um país confiável. Hoje, passei o dia em reuniões, em diversas áreas, e em nenhuma delas ouvi dizer que a etiqueta *Made in Portugal* ou origem em Portugal tenha sido desprestigiante ou desvalorizadora dos produtos. Portanto, Portugal está a crescer em prestígio, em capacidade, em *know-how* e esta indústria pode e quer crescer. Saibamos nós retirar ensinamentos dela e apoiar quem merece ser apoiado.

QUE MEDIDAS APONTARIA PARA AUMENTAR O POTENCIAL DA INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS E AUMENTAR AS EXPORTAÇÕES DESTE SECTOR?

A AICEP tem duas funções, captar investimento e internacionalizar as nossas empresas, que é uma área a que estou mais dedicado. Não conseguiremos crescer se não souberem que nós existimos, têm de saber que nós existimos e que nós fazemos bem. Uma das áreas em que podíamos fazer diferente era naquilo a que chamamos, na AICEP, 'missões inversas'. Ou seja, vamos encontrar, no estrangeiro, os grandes *players*, quem está a crescer e está a procurar novos mercados e novas geografias, e mostrar o que de bom se faz em Portugal. Trazer esses empresários cá, levá-los às empresas, mostrar-lhes o nosso modelo, mostrar o que estamos a fazer em termos de inovação e, com isso, atrair esse investimento. Quem é que pode fazer isso melhor que ninguém: a AICEP. Tem esse dever, é para isso que existe e estamos muito empenhados nessa tarefa. Em Outubro, no Congresso da APIFARMA estava presente a Dr.^a Paula Barriga, que nos falava de uma empresa internacional que busca parceiros na Europa para os seus investimentos na área farmacêutica. E com ela estou já a tentar organizar uma reunião, porque a AICEP existe exactamente para correr atrás desses investimentos.

QUESTÕES COMO A CARGA FISCAL OU A BUROCRACIA SÃO ENTRAVES AO INVESTIMENTO E ATÉ MESMO ÀS EXPORTAÇÕES?

São, se respondesse que não eram estava aqui a brincar com as palavras. A carga fiscal claro que é um custo de contexto. Aliás, por causa disso, e dentro do que são as funções da AICEP, relativamente a investimentos estrangeiros é nosso dever e propósito tentar eliminar, combater, tornear, no bom sentido da palavra, os custos de contexto, porque a empresa quer instalar-se e tem um problema de licenciamento, por exemplo, de energia, que é muito típico, quer instalar-se e precisa do licenciamento da Agência

“Saibamos ter a ambição e concretizar as oportunidades que temos e Portugal tem tudo para crescer e atrair mais investimento”

Portuguesa do Ambiente, ou do licenciamento municipal ou de algum assunto ligado a águas. Tudo isto faz perder tempo. Quando Portugal concorre – e quantas vezes nós concorremos em circunstâncias em que estão em causa também outros interessados, nomeadamente em países de Leste –, ter respostas prontas e rápidas faz toda a diferença. Portanto, sim, a questão fiscal é importante e em boa hora o Governo está a tentar baixar a carga fiscal, nomeadamente através do IRC, achamos que é uma medida feliz para este efeito. O que eu faço profissionalmente neste momento é «vender Portugal», é mostrar o que o meu país tem de extraordinário. E temos mesmo muitas coisas extraordinárias, competem de igual para igual com muitos outros países. Temos alguns senãos, sim. Às vezes, da carga fiscal, a nossa localização geográfica tem virtudes e levanta dificuldades para outros efeitos, mas Portugal é um país altamente competitivo. Saibamos ter a ambição e concretizar as oportunidades que temos e Portugal tem tudo para crescer e atrair mais investimento.

O QUE É QUE A EUROPA PODE FAZER PARA ATRAIR E FACILITAR INVESTIMENTOS NA ÁREA INDUSTRIAL DOS PAÍSES E ENQUANTO BLOCO ECONÓMICO?

Na mesma medida em a Europa tem de se defender de algum tipo de concorrência, que eu diria menos transparente ou menos leal, e impõe, e bem, um conjunto de limitações de natureza ambiental, regulamentar e não só, também tem que perceber que

as empresas europeias não podem concorrer de igual para igual com empresas estrangeiras ou, se quiserem, de fora da Europa, que não respeitam esses princípios. E este tipo de concorrência é absolutamente desleal e desproporcional. Portanto, a Europa tem de se proteger para que toda a gente parta do mesmo princípio. Agora, depois de as empresas escolherem a Europa como destino do seu investimento, compete à União Europeia promover que esse investimento se instale. O que é promover? Temos falado muito da industrialização, agora temos de dar condições às empresas para que sintam que a Europa, na comparação com outras geografias, é o local certo. Temos um mercado interno de 500 milhões de pessoas, que é por si mesmo interessante. Uma empresa depois estar instalada na Europa, fruto da realidade fiscal e não só, mesmo das diferenças entre países, consegue obter vantagens várias. Para nós termos capacidade de atracção temos de tornar tudo mais simples, tudo mais rápido, porque entretanto tudo está a ficar mais transparente. O nosso problema é conseguir fazer com que a Europa seja competitiva e neste momento eu não sei se o é.

DE QUE FORMA É QUE A APOSTA NA INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS FARMACÊUTICAS PORTUGUESAS INCENTIVA A INOVAÇÃO E A COMPETITIVIDADE EM PORTUGAL?

Porque a Indústria Farmacêutica, por natureza, é uma indústria que requer talento e inovação. Quanto maior for o nosso sector da Indústria Farmacêutica, garantidamente mais doutorados teremos, mais capacidade, mais saber vamos buscar à academia, porque por natureza essas indústrias vivem disso. Por exemplo, uma discussão que hoje existe na União Europeia diz respeito à duração das patentes, que é um tema crítico para os interesses de Portugal, muito mais para quem faz muita inovação e investigação. É importante porque para obter uma patente é preciso um elevado investimento. E Portugal está preocupado porque esta área investe em inovação e, quanto maior for, mais se caracterizará por retenção de talento e inovação. Se Portugal só cresce se apostar mais na inovação e no talento, encontrem uma área que seja o exemplo disto. Eu respondo: a Indústria Farmacêutica. E os números comprovam-no.

HÁ PLANOS PARA INCLUIR A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NO PLANO ESTRATÉGICO DA AICEP E REFORÇAR A POSIÇÃO DESTA SETOR NA ESTRATÉGIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM PORTUGAL?

A AICEP, mais do que encontrar aqui quase chavões, trabalha bastante em função da qualidade dos projectos e da ambição e credibilidade dos próprios promotores. E uma coisa lhe garanto, que o sector da Indústria Farmacêutica sabe. Neste momento, a AICEP está profundamente empenhada em apoiar esta indústria, retirando da sua frente o que são custos de contexto ou dificuldades ao seu crescimento e afirmação. Nós estamos presentes, nós queremos estar mais presentes e a Indústria Farmacêutica sabe que conta connosco. Se o Plano Estratégico diz expressamente Indústria Farmacêutica ou não, não sei se diz, como não sei se diz outros. O que está em causa é saber se este sector merece ou não a nossa aposta. A resposta é muito simples: esta indústria já está a ter êxito. É um caso de êxito, porque está a fazer o que o Senhor ministro da Economia e bem, anda a dizer em Portugal e no estrangeiro: maior aposta em inovação, ambição, crescimento, retenção de talento. Se está a fazer e está a fazer bem, queremos apoiá-la. Digo mais, eu próprio quero apoiá-la, aprender e fazer dela algum *benchmarking* para poder, junto de outros, dá-la como



exemplo do que resulta se apostarmos na inovação, se tivermos ambição e tivermos, também, uma estratégia clara na cabeça.

QUE ÁREAS PRECISAM DE MAIS IMPULSO EM PORTUGAL? A FORMAÇÃO CIENTÍFICA, AS PARCERIAS ENTRE A INDÚSTRIA E AS UNIVERSIDADES OU A INFRAESTRUTURA INDUSTRIAL PROPRIAMENTE DITA?

Sempre tive muitas opiniões, agora já não tenho opiniões. Agora todos os dias visito, ouço, converso, debato estes temas. Primeiro, Portugal ser um país relativamente pequeno em dimensão não faz de nós menos que os outros, mas retira-nos escala. E temos de ganhar escala. Temos de ter medidas que apoiem as empresas, seja para trabalhar em consórcio, seja para promover fusões, para poder concorrer a projectos de maior músculo, maior intensidade ou tamanho. Segundo, está a acontecer um fenómeno muito interessante. Durante anos e anos ouvimos dizer que há um divórcio entre a academia e as empresas: a academia sonha e estuda, mas depois a concretização prática desse pensamento, que é tão importante, não chega às empresas e não se transforma esse saber em valor económico. Estou a ver isto completamente apreendido pelas empresas. Cada vez mais assisto a parcerias que juntam empresas com a academia, juntam empresas com centros de saber. Sei que eu sou um optimista, mas tenho visto com enorme interesse, e também algum entusiasmo, que cada vez mais as empresas perceberam que na academia podem beber muita da reflexão que precisam de fazer, e depois transformar em projectos economicamente sustentáveis e viáveis. Por aí, estamos no bom caminho. Está tudo feito? Não, mas sinto que estamos no bom caminho.

EM 2023, O ANO FECHOU COM UM RECORDE DE 3,3 MIL MILHÕES € EM EXPORTAÇÕES EM SAÚDE E ESTE ANO O VALOR PODERÁ SER SUPERADO. EM QUE PATAMAR É REALISTA PENSAR NOS PRÓXIMOS ANOS?

A área da saúde tem vindo a crescer. Existe a velha discussão de a saúde não tem um custo, tem um preço, tem um valor. O que a realidade nos demonstra é que até pela própria evolução demográfica, a área da saúde vai exigir aporte de mais dinheiro. Parece-me claro, mesmo com o aparecimento de inteligência artificial ou com os novos processos, nomeadamente na área da saúde, onde essa presença cada vez é mais

visível. Continuará a haver uma pressão grande sobre a saúde e as suas instituições no sentido de crescer. Sendo este um preço a pagar pela nossa maior esperança de vida e também do número de pessoas que acedem aos cuidados de saúde, também existem oportunidades para quem vende serviços ou produtos ligados à saúde. E Portugal tem tudo para crescer. Até porque na nossa balança comercial, estamos longe de ser um país liderante na União Europeia. Há coisas que podemos fazer ainda e podemos crescer não só pelo crescimento natural do mercado da saúde, que me parece que, feliz ou infelizmente, vai continuar a ser cada vez de maior valor, mas também pelo próprio crescimento da indústria portuguesa. Espero que assim aconteça. E eu vejo que está a acontecer: olho para os projectos, olho para a ambição das nossas empresas e vejo que de facto está a crescer e a velocidade superior à média. Portanto, temos motivos, não para ficar descansados, mas para ficar animados, porque o que está a ser feito, aparentemente está a ser bastante bem feito.

“A AICEP está profundamente empenhada em apoiar esta indústria”



“Personalidades de Mérito” distinguidas no Jantar comemorativo dos 85 anos da APIFARMA

Um momento de celebração do 85.º aniversário da APIFARMA, onde foram distinguidas três figuras de relevo na área da Saúde e entregue a Bolsa Universitária de Mérito

O Jantar comemorativo dos 85 anos da APIFARMA decorreu no dia 20 de Novembro, no Convento do Beato, em Lisboa. Uma celebração, que foi “acima de tudo, um momento de agradecimento àqueles que contribuíram para a trajectória desta Associação” que representa a Indústria Farmacêutica, como declarou o presidente da APIFARMA, João Almeida Lopes, no início da cerimónia.

No Jantar, a secretária de Estado da Saúde, Ana Povo, o presidente da APIFARMA e o presidente da mesa da Assembleia-Geral da APIFARMA, João de Lara Everard, entregaram os Prémios

“Personalidade de Mérito” a três relevantes profissionais da área da Saúde, distinguindo a sua carreira:



Paula Alves | Directora-executiva do iBET e professora e investigadora do ITQB da Universidade NOVA de Lisboa, que realiza um trabalho de investigação reconhecido mundialmente, desenvolvido em estreita colaboração com a Indústria Farmacêutica e clínicos para o desenvolvimentos e avanço de terapias de precisão;

Fernando Almeida | Presidente do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA), também à frente da Comissão para a Implementação da Estratégia Nacional para a Medicina Genómica, o Programa Nacional de Rastreio Neonatal e a task force para o Plano Nacional de Testagem à COVID;

Graça Freitas | Ex-directora-geral da Saúde, homenageada por uma vida profissional dedicada à saúde pública e pelo papel central que desempenhou na gestão da pandemia de COVID-19, tendo sido a principal responsável pela orientação das políticas de saúde pública e coordenação das respostas à crise sanitária em Portugal.





Bolsa Universitária de Mérito entregue aos beneficiários

Durante a cerimónia, foi também entregue a Bolsa Universitária de Mérito, já na segunda edição, aos seus beneficiários.

Os alunos, que este ano lectivo iniciaram a frequência de cursos nas mais variadas áreas do saber e que são oriundos de Norte a Sul de Portugal, têm uma média de acesso ao ensino superior entre os 19,4 e os 20 valores.

André Coelho do Vale | Licenciatura em Matemática

João Paulo Guimarães Salgado de Abreu | Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas

Lara Rodrigues Moirinho | Mestrado Integrado em Medicina

Leandro Filipe Ferreira Melo | Mestrado Integrado em Medicina

Luana Carvalho | Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

Luís Alexandre Delgado | Mestrado Integrado em Medicina

Maria Inês Silva Pereira | Licenciatura em Bioengenharia

Mariana Alexandra Inácio da Cruz | Mestrado Integrado em Medicina

Noemi Filipa Esteves de Carvalho | Licenciatura em Engenharia Física

Pedro Martins Dias | Licenciatura em História

Promovida pela APIFARMA, em colaboração com o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, a Bolsa consiste numa prestação pecuniária, de 6 mil euros por cada ano lectivo, que acompanha o percurso escolar de 10 alunos de excelência e com carência económica, desde o ingresso até à conclusão dos seus estudos numa instituição do ensino superior público universitário.

A recepção dos convidados foi animada pelo projecto Música nos Hospitais.

Veja o registo fotográfico do evento [aqui](#) e o vídeo dos melhores momentos [aqui](#).



Revisão Anual de Preços

Baixa contínua de preços prejudica a disponibilidade dos medicamentos para as pessoas

Recuperação industrial na área farmacêutica e revisão do sistema de comparticipação foram soluções apontadas

Em Portugal, “a baixa contínua de preços prejudica a disponibilidade dos medicamentos para as pessoas” afirmou no dia 13 de Novembro, José Zorro Mendes, presidente do departamento de Economia do ISEG, durante a apresentação do estudo “Impacto da Revisão Anual de Preços dos Medicamentos de Marca em Ambulatório entre 2012-2023 em Portugal”, uma iniciativa da APIFARMA e da Associação Nacional das Farmácias, em associação com o ISEG –Lisbon School of Economics & Management e o Centro de Estudos e Avaliação em Saúde (CEFAR).

Segundo o estudo apresentado, o impacto da Revisão Anual de Preços (RAP) nos medicamentos de marca em ambulatório em Portugal representou uma perda de mercado de 5.300 milhões de euros entre 2012-2023. Num só medicamento, em quatro anos, o PVP diminuiu 22,8%, explicou Zorro Mendes, que apresentou o estudo, acrescentando que esta

quebra na despesa com o medicamento favoreceu sobretudo o Estado, mas prejudicou o acesso. O estudo foi elaborado com o objectivo de contribuir para a avaliação das medidas de regulação de preços, que também impactam o acesso das pessoas aos medicamentos.

Conheça a apresentação [aqui](#).

A secretária de Estado, Ana Povo, que participou no encerramento da conferência com o presidente da APIFARMA, João Almeida Lopes, e com a presidente da Associação Nacional das Farmácias (ANF), Ema Paulino, referiu a necessidade de “atrair a produção para Portugal, pelo menos, nos medicamentos essenciais”, fazendo referência à competitividade da Europa.

“É necessária a recuperação industrial em Portugal e na Europa”, corroborou João Almeida Lopes. “Há falta de capacidade instalada para produzir



medicamentos e há países ‘sacrificados’ por serem mais pequenos e onde os preços são mais baixos”, acrescentou, lembrando as dificuldades enfrentadas pela Indústria Farmacêutica na sequência do enorme aumento de preços de matérias-primas e excipientes durante a pandemia de COVID-19.

Defendendo a sustentabilidade da cadeia do medicamento, Ema Paulino apontou a necessidade de uma revisão do sistema de comparticipação dos medicamentos e fez referência à necessidade de dar maior atractividade ao mercado para garantir que a escassez de medicamentos deixa de ser uma realidade nas farmácias comunitárias.

“Temos de garantir a sustentabilidade do sistema.

Se não alcançarmos este equilíbrio haverá rupturas”, afirmou Ana Povo.

Na conferência participaram também Ricardo Reis, director do Centro de Estudos Aplicados da UCP, que comentou o estudo nas dimensões de risco financeira, tecnológica e de abastecimento. Foi também o moderador do painel de debate em que participaram Alexandre Guedes da Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, António Silva, representante da Ordem dos Médicos, Cláudia Furtado, directora de Avaliação de Tecnologias de Saúde do INFARMED e Helder Mota Filipe, bastonário da Ordem dos Farmacêuticos.

Veja o registo fotográfico do evento aqui e o vídeo dos melhores momentos [aqui](#).

Indicadores Macroeconómicos APIFARMA Dashboard Power BI

A partir de Novembro, poderá consultar no website da APIFARMA os principais Indicadores Macroeconómicos através de dashboards de Power BI.

Tratar-se de uma ferramenta dinâmica que permitirá aos utilizadores obter informação mais detalhada e sistematizada sobre a economia nacional, respondendo às exigências da actualidade.

Consulte [aqui](#) os Indicadores Macroeconómicos.



abem:
Rede Solidária do Medicamento

DÊ TROCO A QUEM PRECISA

NUMA FARMÁCIA
9 A 20 DE DEZEMBRO

TAMBÉM PODE AJUDAR POR:

MBWAY:
932 440 068

IBAN:
PT50 0036 0000 9910 5914 8992 7

OS DONATIVOS VÃO AJUDAR FAMILIAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA A ACEDER AOS MEDICAMENTOS.

Dê o seu “Troco a Quem Precisa”

A nova edição da campanha de Natal “Dê Troco a Quem Precisa” irá decorrer de 9 a 20 de Dezembro, nas farmácias aderentes. Os donativos angariados irão integrar o Fundo Solidário abem:, exclusivamente utilizado para compartilhar medicamentos aos beneficiários abem:.

Para apoiar esta causa basta ir a uma farmácia aderente ou poderá fazer o donativo por MB WAY (932 440 068) ou transferência bancária (PT50 0036 0000 9910 5914 8992 7).

O Programa abem: Rede Solidária do Medicamento, da Associação Dignidade, tem como missão garantir que todos os portugueses tenham acesso aos medicamentos de que precisam e já apoiou mais de 38 000 beneficiários.

Com o apoio de todos, continuaremos a chegar a centenas de milhares de pessoas que todos os anos deixam de comprar medicamentos por falta de dinheiro.



Anos 2010: a aposta na responsabilidade social

Nesta década nasceram projectos impactantes como o Prémio Jornalismo em Saúde ou o Tratar de Mim

Durante esta década, a APIFARMA lançou e integrou várias iniciativas marcantes de responsabilidade social. Em 2017, decorreu a primeira edição do Prémio Jornalismo em Saúde, uma iniciativa destinada a promover a qualidade e a amplitude do trabalho jornalístico sobre Saúde, destacando temas centrais do Serviço Nacional de Saúde, inovação na área e o desenvolvimento económico e social relacionado à Saúde.

Entre outros projectos relevantes, destaca-se a criação do Banco de Medicamentos Solidário, em 2012, fruto de uma parceria entre a APIFARMA, o Ministério da Solidariedade e Segurança Social, INFARMED – Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde e a União das Misericórdias Portuguesas, no âmbito do

Programa de Emergência Social. Este banco foi criado para disponibilizar medicamentos e outros produtos de saúde a cidadãos com dificuldades financeiras, em especial apoiando os mais idosos.

Com um objectivo semelhante, a APIFARMA foi uma das fundadoras da Associação Dignidade, em 2015. Esta organização, criada a partir de uma proposta da Associação Nacional de Farmácias (ANF) e que conta com a Cáritas Portugal e a Plataforma Saúde em Diálogo como co-fundadoras, desenvolveu o programa abem:, destinado a assegurar o acesso a medicamentos para cidadãos em situação de carência económica.

Ainda neste ano foi lançado o programa Tratar de Mim, um programa de literacia em saúde desenvolvido pela APIFARMA, em parceria com a



ANF, a DGS – Direcção-Geral da Saúde, o INFARMED, a Ordem dos Farmacêuticos, a Ordem dos Médicos e a Valormed, para consciencializar a população portuguesa para a importância da utilização responsável e segura dos medicamentos não sujeitos a receita médica, para o alívio e tratamento dos sintomas de saúde de menor gravidade.

Outro marco desta década foi a constituição, em 2017, da Associação EUPATI Portugal. Esta entidade reuniu associações de doentes,

universidades e a APIFARMA com o propósito de promover a formação de pacientes e associações em saúde, fortalecendo a literacia e a participação informada no sistema de Saúde.

Ainda em 2017, a APIFARMA mudou-se para a actual sede, unificando as actividades anteriormente dispersas por dois edifícios. Esta mudança representou um avanço significativo na capacidade de prestação de serviços às suas associadas, optimizando recursos e melhorando a eficiência organizacional



Rede Solidária do Medicamento

Programa abem: Projecto solidário chega a mais um concelho

Em Outubro foram dispensadas 33 mil embalagens.

O programa abem: está agora presente em mais um município, mais uma entidade referenciadora e em mais farmácias, continuando a aumentar a sua abrangência no território nacional.

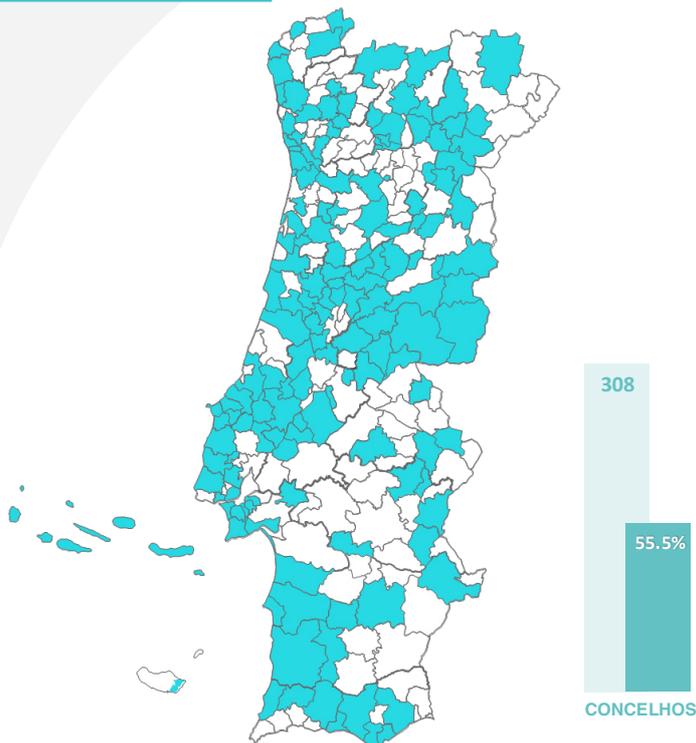
No mês de Outubro, o projecto solidário da Associação Dignidade de apoiou mais 362 beneficiários e mais 81 famílias, tendo dispensado mais 33.809 embalagens de medicamentos.

PROGRAMA ABEM:



maio de 2016 a outubro de 2024

Dignidade⁺



Legislação

NOVEMBRO 2024

Classificação de medicamentos

O Despacho n.º 13958/2024, 2.ª série, de 26 de Novembro, aditamento ao anexo do Despacho n.º 4742/2014, de 21 de Março, com vista a incluir medicamentos para o tratamento da endometriose.

Comparticipação de medicamentos

A Portaria n.º 300/2024/1, 25 de Novembro, altera a participação de medicamentos destinados ao tratamento de infertilidade, em especial quanto à procriação medicamente assistida.

A Portaria n.º 301/2024/1, de 25 de Novembro, procede à primeira alteração ao anexo da Portaria n.º 195-D/2015, de 30 de Junho, aditando ao Grupo 8 (Hormonas e medicamentos usados no tratamento das doenças endócrinas) do escalão B de participação o subgrupo farmacoterapêutico 8.5.1.3.1. Medicamentos para o tratamento da endometriose.

A Portaria n.º 290/2024/1, de 11 de Novembro de 2024, procede à primeira alteração da Portaria n.º 261/2024/1, de 14 de Outubro, que estabelece que os medicamentos destinados ao tratamento de doentes com artrite reumatóide, espondiloartrite axial-espondilite anquilosante e espondiloartrite axial não radiográfica-, artrite psoriática, artrite idiopática juvenil poliarticular e psoríase em placas, bem como os medicamentos destinados ao tratamento de doentes com doença de Crohn ou colite ulcerosa, beneficiam de um regime excepcional de participação.

Revisão anual de preços

A Portaria n.º 293/2024/1, de 14 de Novembro, procede à definição dos países de referência a considerar em 2025, para a autorização dos preços dos novos medicamentos e para efeitos de revisão anual de preços dos medicamentos adquiridos pelos estabelecimentos e serviços do SNS e dos medicamentos dispensados no âmbito do mercado de ambulatório, e mantém para o ano de 2025 critérios excepcionais a aplicar no regime de revisão de preços.

Sistema de Incentivos

A Portaria n.º 306-A/2024/1, de 27 de Novembro, aprova o Regulamento do Sistema de Incentivos «Investimentos em Setores Estratégicos».

Unidades de saúde familiar modelo C

A Portaria n.º 302/2024/1, de 25 de Novembro, regula o procedimento de candidatura aplicável à constituição das unidades de saúde familiar modelo C bem como os processos de monitorização e de acompanhamento.



PHARMA em Números

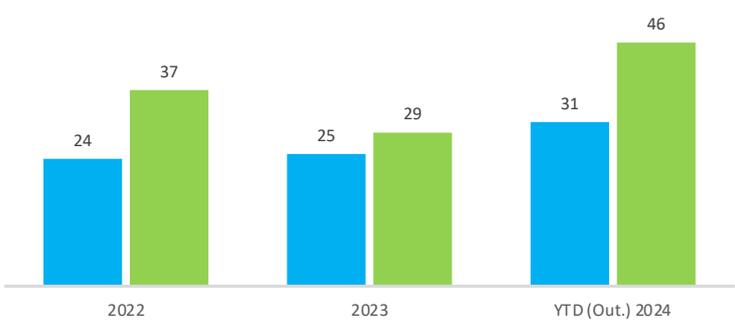
INVESTIMENTO PÚBLICO COM MEDICAMENTOS - YTD OUTUBRO 2024

Dívida das Entidades Públicas às Empresas Farmacêuticas



| Portal da Transparência do SNS

Financiamento Público de Inovação Terapêutica - DECISÕES

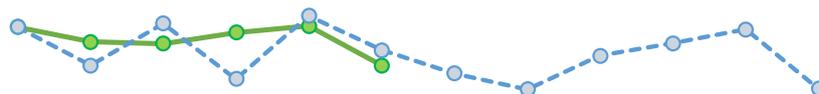


| Portal da Transparência do SNS

- NIs (novas indicações de medicamentos inovadores)
- DCIs (novas moléculas)

ACTIVIDADE ASSISTENCIAL DA SAÚDE

N.º de Consultas nos Hospitais



7 Milhões de consultas

V.H. +2%



| Portal da Transparência do SNS

Nº de Consultas de Enfermagem presenciais nos CSP



12,8 Milhões de consultas

V.H. +5,6%



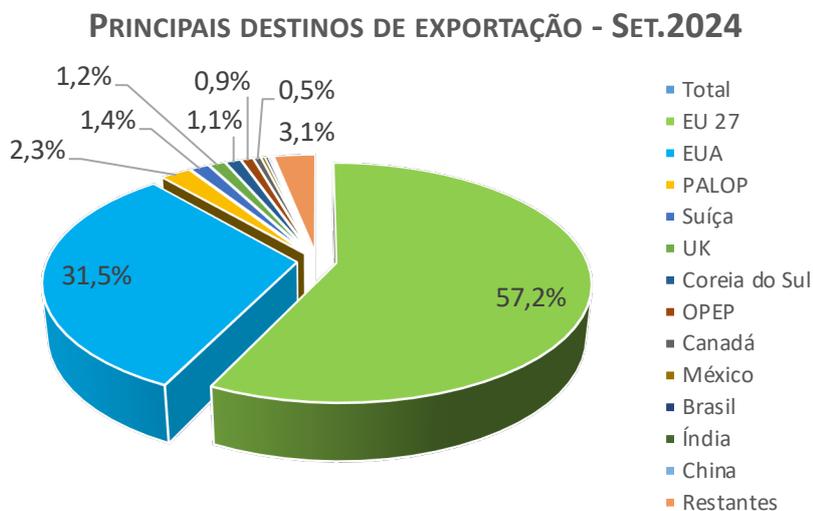
| Portal da Transparência do SNS

EXPORTAÇÕES FARMACÊUTICAS



Fonte: APIFARMA e INFARMED
 DCIs – novas moléculas
 NI – novas indicações de medicamentos inovadores

De 2020 para Set.2024, o volume de exportações aumentou para mais do dobro, sendo o principal motor das exportações do sector da Saúde, e 4,7% do total de exportações de bens do país nos primeiros 9 meses de 2024.

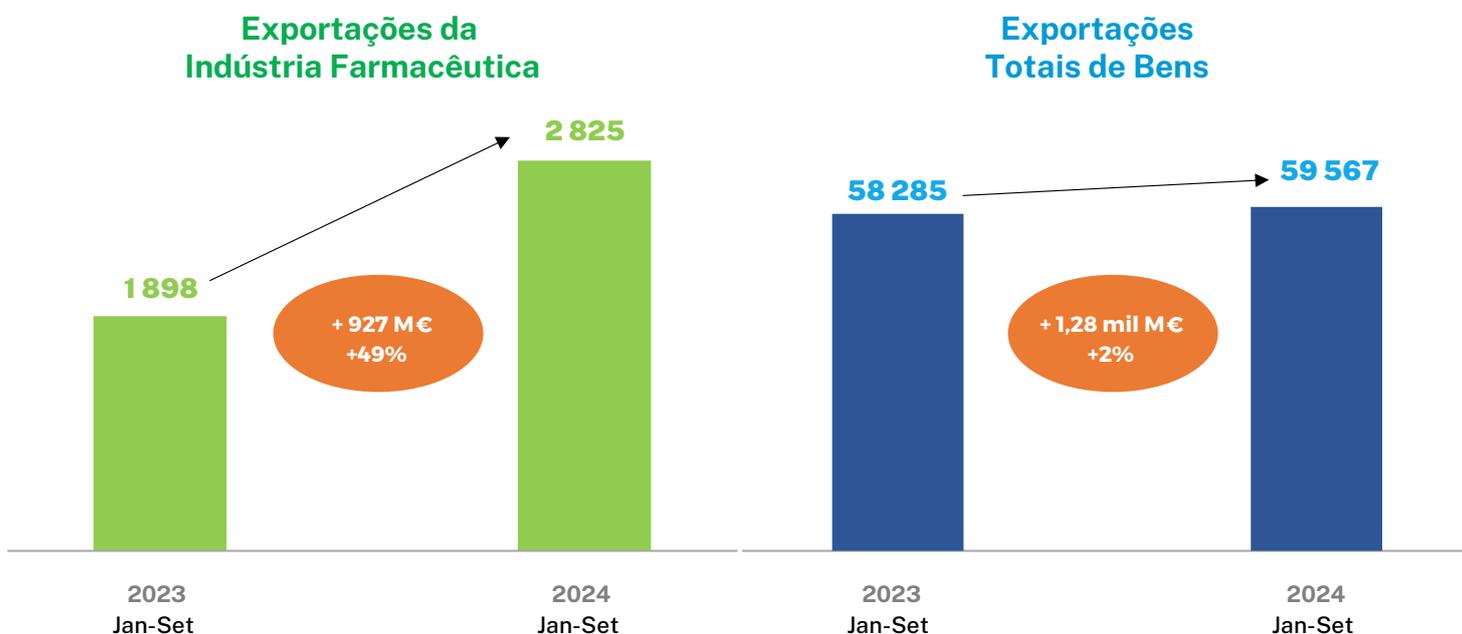


Fonte: APIFARMA e INFARMED
 DCIs – novas moléculas
 NI – novas indicações de medicamentos inovadores

EXPORTAÇÕES INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Exportações da Indústria Farmacêutica são o motor que impulsiona as exportações totais de bens em 2024:

As exportações da IF aumentaram **perto de mil milhões euros entre Janeiro e Setembro de 2024** (+49% face ao período homólogo). A Indústria Farmacêutica foi **responsável por 72% do aumento das exportações nacionais de bens** nos primeiros 9 meses do ano.



Milhões de euros

Taxa cobertura das Exportações da IF ultrapassa a taxa cobertura global:

- **94,3% Indústria Farmacêutica**
- **75,1% Total Bens**

Fonte: INE (produtos farmacêuticos + matérias primas)

e.pharma
Newsletter Novembro 2024

